ENSAIO VISUAL

MILONGUEANDO OUTRAS VERDADES: CONTRANARRATIVAS VISUAIS DOS ARQUIVOS NA FABULAÇÃO DE MEMÓRIAS NEGRAS.

Milongueando otras verdades: contranarrativas visuales de los archivos en la fabulación de memorias negras.

Milongueando other truths: visual counter-narratives from the Archives in the fabulation of black memories.

Éder Braz

Áltera, João Pessoa, Número 21, 2026, e02100, p. 1-12
ISSN 2447- 9837

ISSN 2447-9837

CC BY NC ND

Resumo:
Este ensaio visual investiga a presença e representação da população negra na história visual de Caxias do Sul/RS, questionando a narrativa hegemônica que caracteriza a região. A partir do encontro com fotografias do acervo do arquivo municipal, a pesquisa mobiliza a colagem digital como ferramenta metodológica e política para a construção de contranarrativas visuais. Busca-se (re)criar imaginários de vidas não fotografadas e visibilizar trajetórias sistematicamente apagadas pelo projeto colonial de esquecimento. Ao deslocar e reconfigurar imagens de arquivo – muitas das quais reproduzem estereótipos e posições subalternas –, a colagem permite reinscrever presenças, fabular com fragmentos e afirmar a pluralidade das existências negras no sul do Brasil. A proposta, ao "convidar o arquivo a dançar", abre caminhos para um imaginário alternativo, capaz de escapar aos perigos de uma história única e recompor, pela imagem, outras memórias possíveis.

Palavras-chave: Trajetória; memória negra; fotografia; contranarrativa.

Abstract:
This visual essay investigates the presence and representation of the Black population in the visual history of Caxias do Sul/RS, questioning the hegemonic narrative that characterizes the region. Based on photographs from the municipal archive, the research employ digital collage as a methodological and political tool for constructing visual counter-narratives. It seeks to (re)create imaginaries of lives not photographed and to make visible trajectories systematically erased by the colonial project of forgetting. By displacing and reconfiguring archival images – many of which reproduce stereotypes and subordinate positions – collage allows for the reinscription of presences, the creation of fables with fragments, and the affirmation of the plurality of Black existences in southern Brazil. The proposal, by "inviting the archive to dance," opens paths to an alternative imaginary, capable of escaping the dangers of a single history and recomposing, through images, other possible memories.

Keywords: Trajectory; black memory; photography; counter-narrative.

Resumen:
EEste ensayo visual investiga la presencia y representación de la población negra en la historia visual de Caxias do Sul/RS, cuestionando la narrativa hegemónica que caracteriza a la región. A partir de fotografías del archivo municipal, la investigación emplea el collage digital como herramienta metodológica y política para construir contranarrativas visuales. Busca (re)crear imaginarios de vidas no fotografiadas y visibilizar trayectorias sistemáticamente borradas por el proyecto colonial del olvido. Al desplazar

y reconfigurar imágenes de archivo – muchas de las cuales reproducen estereotipos y posiciones subordinadas – el collage permite la reinscripción de presencias, la creación de fábulas con fragmentos y la afirmación de la pluralidad de existencias negras en el sur de Brasil. La propuesta, al «invitar al archivo a danzar», abre caminos hacia un imaginario alternativo, capaz de escapar a los peligros de una historia única y recomponer, a través de imágenes, otras memorias posibles.

Palabras clave: trayectoria; memoria negra; fotografía; contranarrativa.

APRESENTAÇÃO

Este ensaio visual é parte da minha pesquisa etnográfica realizada na pesquisa de mestrado (Braz, 2025). Neste recorte busquei fabular memórias negras da cidade de Caxias do Sul no Rio Grande do Sul (RS) através de colagens digitais, com a intenção de dar visibilidade a trajetórias e histórias. Na pesquisa, trabalhei com dois tipos de acervos: os acervos pessoais, acessados a partir do encontro com as famílias de Mari Nery, Valter Marcos, João Martins e Mariza dos Santos, suas fotografias e objetos de afeto, como mediadores de narrativas de trajetórias; e os acervos disponíveis no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, com o objetivo de investigar quais narrativas visuais da população negra estão presentes e arquivadas nesse espaço público.

Diante desse segundo acervo é que o ensaio se propõe a refletir, levando em consideração a falta de informações referente às pessoas negras enquadradas em posições subalternas nas imagens disponíveis na fototeca da instituição. Entendendo que imagens criam verdades, e sendo a narrativa visual um campo de disputa de construção de imaginário, principalmente racial, fez-se necessário movimentar os arquivos, convidando-os a "dançar", a "milonguear" outras verdades nas brechas possíveis para escapar dos perigos materiais e simbólicos da história única (Adichie, 2019). Para este fim, a técnica da colagem digital foi utilizada como ferramenta política capaz de contar outras histórias.

Fundamentado nas inquietações despertadas em campo, eu iniciei o processo de colagem (re)configurando imagens com o uso de tecnologias eletrônicas e digitais que refletem em termos estetizantes e éticos (Samain, 2014). A imagem fotográfica, ainda que derive do real, é uma construção que sintetiza um momento específico e uma intenção discursiva, tornando essa natureza híbrida fundamental na compreensão da fotografia como uma tecnologia do imaginário. Assim, a colagem realizada com fotografias de acervo recria, então, possibilidades num tempo espiralar (Martins, 2021), em que o presente se encontra com vestígios do passado formando outras perspectivas de sentido (Sharpe, 2023).

Esse movimento em diálogo com a fabulação crítica (Hartman, 2022) e a etnoficção (Coelho, 2015) é o que tenho pensando em coletivo como "etnofabulação", ou seja, através de vestígios encontrados em trabalhos etnográficos realizados com a população negra em diáspora, propõe-se novas produções visuais na antropologia, a fim de visibilizar trajetórias que resistem aos esforços coloniais históricos do projeto de esquecimento, o qual é sustentado historicamente, também, pelas narrativas visuais da mídia hegemônica.

Para realizar esta pesquisa etnográfica, retornei à minha cidade natal, Caxias

do Sul. Antes da imigração italiana, este mesmo território era conhecido como Campo dos Bugres e habitado pelas etnias indígenas Kaingang e Xokleng. Foi também rota de tropeiros, que moviam animais, alimentos e conhecimentos pelos caminhos da serra. Como descendente de famílias negras de origem campesina, tenho orgulho de ser neto de dois avôs tropeiros, que abriram caminhos na mata econômica, social e cultural do país – tal qual o avô Leandro da interlocutora Mari Nery, que "(...) trabalhava com tropa, fazia viagens com mula, levava as coisas para Santa Catarina e trazia para o RS".

A partir de 1930, com o avanço da industrialização, Caxias se transformou em um polo metalmecânico. A aspiração pelo trabalho e a presença expressiva do metal na cidade-metalúrgica, que possui mais de 700 casas de religiões afro-brasileiras, fez a comunidade umbandista adotar o orixá Ogum como patrono desse atual território, que se apresenta como a segunda cidade mais populosa do estado.

Em 1972, a cidade foi exibida na primeira transmissão em cores da TV brasileira durante a XII Festa da Uva. Esse acontecimento nacional narrou, para milhares de pessoas, uma única história de predominância italiana. É provável que tal narrativa reducionista, somada à herança colonial e à estrutura racista, contribuiu para a invisibilidade de pessoas não brancas e o apagamento de suas existências na construção de Caxias do Sul e do estado do Rio Grande do Sul. A invisibilização negra da história seguiu se atualizando em diferentes maneiras, mantendo histórias afro-diaspóricas fragmentadas no tempo e no espaço.

No audiovisual, a cidade é representada em obras como o filme "O Quatrilho" (1995), inspirado no livro homônimo do escritor José Clemente Pozenato, publicado em 1985, com filmagens em Caxias e outras cidades da serra gaúcha. Nas artes visuais, a obra "Do itálico berço à nova pátria brasileira" (1953) de Aldo Locatelli, presente atualmente na prefeitura de Caxias, na parede do segundo andar da instituição pública, também ilustra uma visão reducionista da formação de um povo e um território. Além desses, objetos salvaguardados nos museus municipais, estátuas e memoriais espalhados pela cidade, entre outras obras e símbolos, reforçam a narrativa única.

No Arquivo Histórico, ao realizar o levantamento dos vestígios de narrativas visuais da população negra latentes nos acervos, selecionei algumas fotografias acompanhadas de códigos e legendas disponibilizadas pela instituição, por meio das quais foi possível ver e sentir a presença negra, muitas vezes, como mão de obra solitária em Caxias.

Também foi possível observar a repetitiva frequência perturbadora nas imagens, bem como reconhecer a dor ao lado dos sonhos de futuridade que moveram as diferentes formas de conquistar uma digna vida. Além disso, podia-se identificar

a postura de quem encara o instante fotográfico, como quem deixa uma herança negra de vontade por mudanças; e observar o enquadramento da vulnerabilidade e quietude de pessoas que provavelmente não puderam escolher se posariam ou não para a captura do obturador colonial. Nesse último caso, o poder exercido pelo obturador com base na captura fotográfica divide o tempo, o espaço e o corpo político[1] (Azoulay, 2023). Portanto, sublinho que a estrutura social de poder também é posada: existe uma intenção de contar o que se está contando, e não há neutralidade no ato de construir uma imagem.

Diante disso, as imagens encontradas de pessoas negras fixadas dentro de um enquadramento atemporal em situações subalternas, oprimidas, solitárias, sem agência, e invisibilizadas – apesar da fotografia – são deslocadas, provocando contranarrativas. O tempo espiralar evocado pelo encontro com os interlocutores expande-se através das histórias orais narradas e da memória de trajetórias de vidas negras, as quais ajudam a compor as colagens.

Nesse percurso, ao ser tocado pelo arquivo fotográfico e pela sua temporalidade háptica (Campt, 2017), utilizando as múltiplas formas do toque – visual, físico e psíquico dos arquivos e suas narrativas visuais oficiais latentes no Arquivo Histórico – questiono como se constrói a imagem de controle e poder racial? Quais narrativas permanecem na longa exposição da história? Onde está o negro na história visual da cidade de Caxias do Sul?

Recebido em 26/03/2026
Aprovado em 02/10/2026

1 "Em uma fração de segundo, o obturador da câmera traça três linhas divisórias: no tempo (entre um antes e um depois), no espaço (entre quem/o que está na frente da câmera e quem/ o que está atrás dela) e no corpo político (entre aqueles que possuem e operam tais dispositivos, apropriam-se de seu produto e o acumulam e aqueles de quem o consentimento, os recursos ou o trabalho são extraídos)" (Azoulay, 2023, p. 22).

Referências

Adichie, Chimamanda Ngozi. (2019) *O perigo de uma história única.* Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras.

Azoulay, Ariella. (2014). *Historia potencial y otros ensayos*. Tradução de Marcela Torres Martínez e Romy Malagamba Steffen. Ciudad de México: Taller de Ediciones Económicas; Consejo Nacional para la Cultura y las Artes (CONACULTA).

Braz, Éder dos Santos. (2025) T*rajetórias de famílias negras da cidade de Caxias do Sul*: encontros a partir de fotografias de acervo e objetos de afeto. 170 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Campt, Tina. (2017). *Listening to images*. Durham e Londres: Duke University Press.

Coelho, Sandra. (2015) Da etnoficção segundo Jean Rouch: contribuições do processo criativo do cineasta para o pensamento e a prática do documentário. *Revista Científica/FAP*, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 65-81. Disponível em: https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/1411/765, acesso em 01/10/2026.

Hartman, Saidyia. (2022) Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais. São Paulo: Editora Fósforo.

Martins, Leda Maria. (2021) *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó.

Samain, Etienne. (2014) Antropologia, imagens e arte. Um percurso reflexivo a partir de Georges Didi-Huberman. *Cadernos de Arte e Antropologia*, [Online], v. 3, n. 2, p. 47-55. Disponível em: https://journals.openedition.org/cadernosaa/391, acesso em 01/10/2026.

Sharpe, Christina. (2023) *No vestígio*: negridade e existência. São Paulo: Ubu.



Foto 1: **Contra História**
Fonte: Elaborada pelo autor (2025).



Foto 2: Mito Fundador
Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

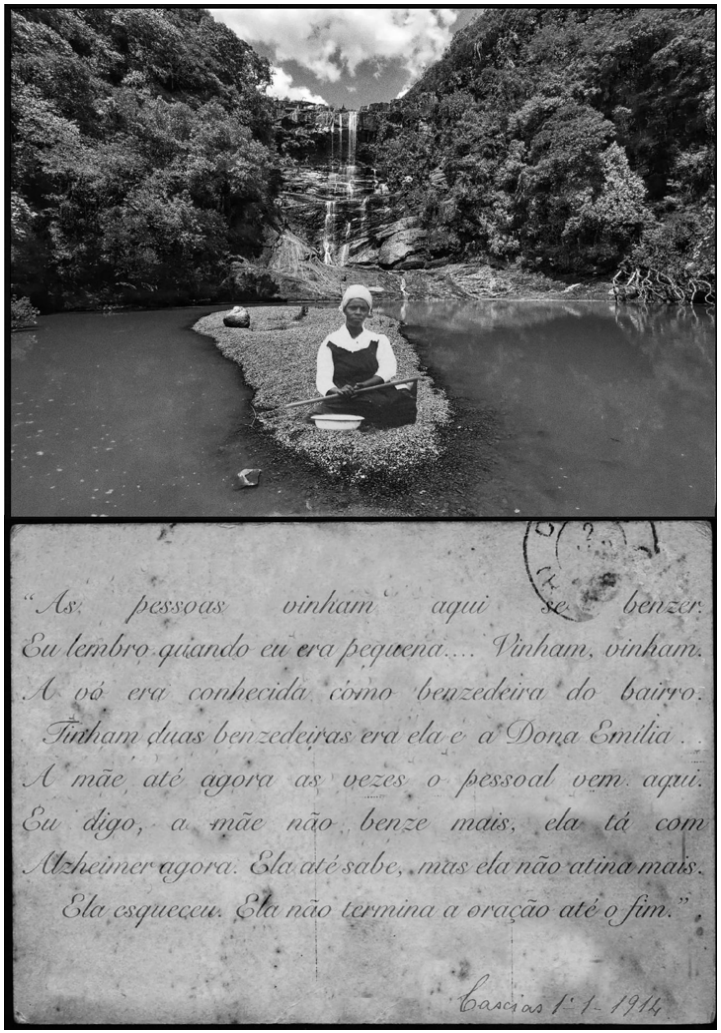

Foto 3: **Oração para não esquecer**
Fonte: Elaborada pelo autor (2025).



Foto 4: **Milongueando outras verdades**
Fonte: Elaborada pelo autor (2025).



Foto 5: **A colheita invisível**
Fonte: Elaborada pelo autor (2025).